

FASES DA CONVERSÃO: A VIA DA PURIFICAÇÃO E A VIA DA ILUMINAÇÃO

A CONVERSÃO, no cristianismo, é um processo que se dá com base principalmente na vontade. Nesse processo, o elemento mais importante não é o intelecto, e menos ainda o fator emocional, por seu caráter efêmero, fugaz, inconstante. Atualmente, entretanto, florescem movimentos religiosos que valorizam o sentimentalismo, criando e alimentando nos fiéis a ideia de que o “sentir-se bem” deve servir como principal parâmetro para decidir se aquele caminho religioso é autêntico ou não.

"Aqui deve estar Deus, porque aqui eu me sinto bem", é o pensamento comum dos frequentadores de certos grupos religiosos. Acham, por exemplo, que a oração ideal é aquela em que o sujeito fica emocionado, chora, sente um ardor no peito... O culto é excessivamente animado, muitas vezes com batucadas, guitarras distorcidas e bateria alta, aplausos constantes e até danças coreografadas. Tudo isso cria um estado de euforia e empolgação, mas... Trata-se de uma alegria passageira. E a pessoa fica condicionada a querer sempre mais. Logo começa a pensar que, numa celebração em que não aconteça todo aquele ardor festivo, Deus não está presente, ou não está tão "fortemente" presente. Será?

Grandes Santos e Doutores da Igreja, como Tomás de Aquino, João da Cruz e Catarina de Sena, entenderam que a construção da verdadeira alma cristã passa por etapas distintas, dentre as quais a **Via da Purificação** e a **Via da Iluminação**.

A Via da Purificação

O primeira etapa da Via da Purificação ocorre quando a alma encontra Deus: num primeiro momento, sente-se saciada e amada por Ele. Começa a reconhecer Deus como Amigo, Companheiro... Pai. O Deus que é Bom e Misericordioso, que é Provedor, que nos ama e nos salva. As orações são fervorosas, a alma sente-se “enamorada” de Deus. Há muita alegria e entusiasmo nessa fase, que pode ser simbolizada pelo tempo em que os Apóstolos conviveram face a Face com Jesus. Eles compartilhavam da intimidade do Senhor, caminhavam juntos, tiveram a imensa graça de presenciar seus milagres grandiosos e de contemplá-lo Glorioso, refulgindo mais que o Sol no alto do monte Tabor[1]. Desfrutavam eles, então, da maravilhosa e reconfortante sensação de serem “amigos de Deus”.

No momento seguinte da Via da Purificação, porém, a alma começa a perceber que continua com os mesmos defeitos que tinha antes de conhecer a Deus, antes desta primeira conversão. É um momento difícil e delicado. Um símbolo desse estágio é a passagem em que S. Pedro, discípulo destacado em quem Jesus confiou de modo especial e a quem concedeu as Chaves do Reino, nega o Senhor por três vezes, chegando mesmo a dizer “Não conheço esse homem!” (Mt 26,74).

É quando o convertido percebe que ainda precisa lutar, e lutar contra si mesmo, contra as suas fraquezas que ainda estão lá, vencer os seus medos e antigos vícios, pois ele continua sendo o mesmo ser humano pequeno e falho. É a “luta da carne contra o espírito” referida no Evangelho segundo S. Marcos (14,38) e em todo o capítulo 7 da Epístola aos Romanos. A oração, então, perde fervor; a alma tem a impressão de que Deus não lhe responde. Surge um vazio. E é então que dois possíveis caminhos se abrem, e um deles deverá ser escolhido: o da **purificação** propriamente dita ou o da **queda**.

1ª possibilidade: a purificação – Acontece se a alma começa a aprender que, mesmo em Comunhão com Deus, continua somente humana e fraca; que precisa se entregar a Deus a cada dia, a cada instante, e que nada menos que essa entrega total será suficiente. Entende que ser cristão é tornar-se verdadeiramente manso e humilde diante do Criador. Que as dificuldades, dores e sofrimentos são parte do percurso. Não é preciso e de nada adiantará buscar Deus nas emoções, nas sensações intensas, nas belas canções, nas orações inflamadas e ocas... É a silenciosa e simples Presença de Deus que lhe dá força, e nada mais é necessário. E essa pessoa – que não apenas confessa a Fé no muito falar, mas que verdadeiramente ama a Deus no seu íntimo –, prossegue, até se esquecer de si própria. Aqui surge um outro processo delicado: o da eliminação do amor próprio.

Importante dizer que eliminar o amor próprio, nesse caso, não quer dizer desprezar-se ou odiar a si mesmo, num sofrimento doentio, esquizofrênico e estéril. Eliminar o amor próprio é "negar-se a si mesmo", como diz Nosso Senhor (Mc 8,34-35), no sentido de reconhecer-se pequeno, incapaz de alcançar a salvação por seus próprios méritos. Quer dizer aceitar suas limitações e render-se diante da Soberania Divina. É desprezar as próprias opiniões e apegos mesquinhos tendo em vista a Vontade de Deus, que é, sempre e infalivelmente, a melhor coisa. Por nós mesmos, nada podemos fazer (Jo, 15,5). É Deus Quem realiza em nós as grandes e pequenas coisas.

2ª possibilidade: a queda – acontece se a alma, nessa fase difícil, chega a não suportar mais o fato de que Deus já não lhe responde como antes. As emoções já não afloram da mesma maneira. Começa então a considerar que, ao procurar Deus, talvez na realidade tudo não tenha passado de um furor vazio, uma ilusão... Afinal, nada mudou em sua vida e o mundo continua tão terrível como sempre foi. A Fé começa a se enfraquecer, a pessoa recai nos vícios; perde-se então e desvia-se do caminho da purificação, retomando, por fim, sua vida antiga, a que levava antes da conversão, antes de ter se interessado por Deus.

<https://www.ofielcatolico.com.br/2001/05/oracao-e-alegria-via-da-purificacao-e.html>